

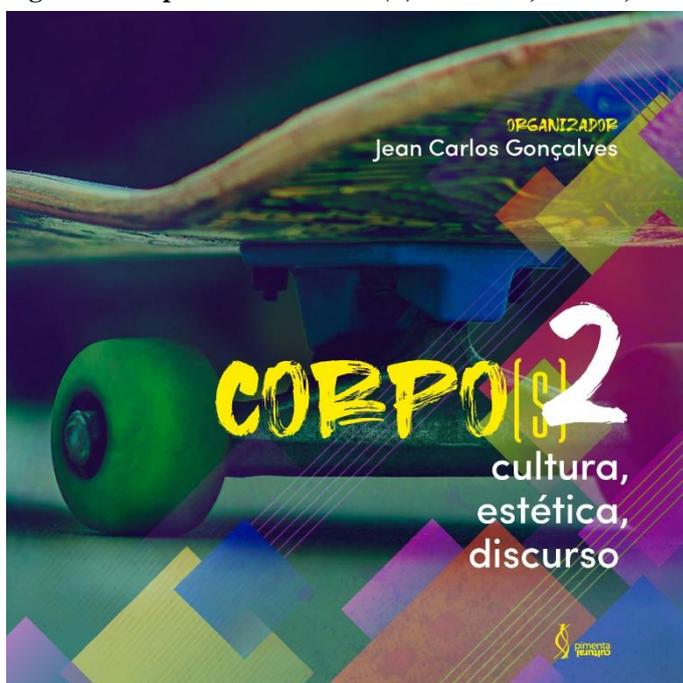
RESENHA: CORPOS DO NOSSO TEMPO: UM OLHAR DIALÓGICO**REVIEW: BODIES OF OUR TIME: A DIALOGICAL LOOK**

DOI 10.70860/ufnt.entreletras.e19182

José Inácio Sperber¹

GONÇALVES, Jean Carlos (org.). *CORPO(S) 2: cultura, estética, discurso*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. 201 p.

Figura 1 – Capa do livro *CORPO(S) 2: cultura, estética, discurso*



Fonte: Editora Pimenta Cultural

¹ Licenciado em Artes Visuais (2020), Mestre (2023) e Doutorando em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Atualmente é bolsista em tempo integral pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, é membro do Grupo de Pesquisa Arte e Estética na Educação (GPAEE/FURB/CNPq) e desenvolve trabalhos voluntários em educação, arte e políticas públicas de cultura junto ao COLMEIA (Coletivo Laboral Multicultural de Experimentações e Intervenções Artísticas) e no Conselho Municipal de Política Cultural (CMPC) de Blumenau, onde atua como conselheiro e vice-presidente. E-mail: jsperber@furb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5270-0680>.

Introdução

Onde está, em *CORPO(S) 2: cultura, estética, discurso*, Jean Carlos Gonçalves, seu organizador? Talvez você obviamente me responda que o organizador do livro se faz presente nesta que é sua função: organizar! Ou talvez me diga que o primeiro capítulo desta obra é escrito por Gonçalves e, assim, o autor também se faz presente. Porém, minha pergunta não se refere apenas aos aspectos formais de uma obra acadêmica, como as funções que o organizador desempenha em tal tarefa. Convido você a olhar outros detalhes que talvez passem despercebidos a sua visão no momento em que visualiza este livro, que gratuitamente é disponibilizado no site da editora Pimenta Cultural, a qual de antemão quero elogiar pelo projeto gráfico belíssimo de suas obras.

Em abril de 2024, no Rio Grande do Sul, aconteceu a primeira jornada do Grupo de Estudos (GE) Corpo e Educação, recém-criado na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd). Se eu contar a você, que me lê neste momento, que o organizador deste livro esteve à frente da organização deste GE e que, junto de outros pesquisadores da área, realizou este primeiro encontro, talvez dizer que o CORPO é o objeto de pesquisa e investigação que mais intriga Gonçalves em sua trajetória recente não seja uma surpresa.

Pois bem, assim como o primeiro volume desta proposta editorial, o corpo é colocado não no centro, mas em relações possíveis com a arte, a cultura, a estética, a política, a educação, sempre em diálogo com a vida, a partir da linguagem. E penso que é nesse caminhar que a relação entre Corpo e Educação também ganha forma neste livro, materializado em nove artigos/ensaios de autores, pesquisadores, artistas, professores de contextos e realidade singulares do Brasil que discutem seus diferentes objetos de investigação a partir da proposta pensada por Gonçalves, que responsivamente os convidou a escrever.

É esperado na escrita do/a autor/a da apresentação de um livro estruturado em ensaios/artigos, com diversos autores de realidades, contextos e áreas distintas que esse bloco, que esse texto carregue em suas palavras e parágrafos as marcas discursivas e autorais destas tantas outras vozes que ali são apresentadas. Ao nos perguntar em seu título “E se pensarmos a educação como performatividade corporal?”, a professora Martha Ribeiro, da Universidade Federal Fluminense (UFF), convida-nos a buscar essa resposta junto aos nove capítulos que seguem a sua apresentação. Sua escrita é marcada com o tom político que a obra como um todo traz em seus textos: as identidades, marcas sociais e culturais, os discursos são trazidos pela autora da apresentação num tom que nos convida a agir para além das palavras, com ações! E

é nesse sentido que Ribeiro nos provoca a pensar que a “[...] educação como performatividade corporal nos chama à responsabilidade ética diante do outro” (Ribeiro, 2023, p. 15). E num tempo em que a educação é colocada à prova diante da tecnologia, dos avanços do capital sobre o fazer pedagógico e da precarização do trabalho docente, talvez considerar o OUTRO, quando sentimos que o EU está cada vez mais em evidência como um projeto político e de poder, seja nosso maior desafio. A apresentação de *CORPOS(2)* nos coloca nessa encruzilhada.

Ao ler o texto de Jean Carlos Gonçalves “Casa: diálogos entre corpo, linguagem e educação”, meu pensamento retornou à infância e às aulas no interior de Ilhota (SC), no bairro em que cresci, um bairro rural. Assim como fez com seus estudantes do curso de Graduação Tecnológica em Produção Cênica da Universidade Federal do Paraná, no componente “Corpo e Cidade”, minhas professoras do ensino fundamental faziam passeios pelo nosso bairro para conhecermos as pessoas que habitavam aquele espaço tão perto da escola. Conheci tantas “Donas Lurdes” que este capítulo me trouxe um certo sentimento nostálgico do viver em comunidade e da simplicidade da vida e das relações. E assim como eu me relacionei com o texto dessa forma, tantas outras janelas e portas são possíveis de serem abertas nessa leitura: os livros de literatura infantil nas epígrafes, os depoimentos dos estudantes universitários, todos esses elementos me convidaram a pensar meu corpo como casa e minha casa também como um corpo, não fixo, mas como uma extensão da vida que pulsa em cada andar (pela cidade), de cada movimento que faço. Gonçalves, novamente nos dá uma amostra de que o corpo tem sido aquilo que o provoca a fazer ciência e pesquisa e nos apresenta em seu capítulo que a estética faz parte do cotidiano e, para perceber essa relação, basta uma certa dose de coragem para abrir a porta e dizer “sejam bem-vindos à minha casa!”.

Pensar o corpo negro a partir de uma Educação Performativa, esta é a proposta de Melissa da Luz Domingos e Michelle Bocchi Gonçalves em seu capítulo intitulado *O corpo negro: diálogos entre Educação e Performance*. As autoras nos apresentam, com uma escrita leve, e ao mesmo tempo, densa, pelo conteúdo significado em suas palavras, uma reflexão acerca deste corpo que é racializado. Colocado como outro, diferente, diante de uma norma racial que exclui e oprime quem se constitui com determinadas características fenotípicas/estéticas. As autoras, a partir de um ensaio teórico, convidam-nos a perceber a carga ideológica marcada nesse corpo, assim como as relações com a história, a cultura e os aspectos sociais que fazem com que seja colocado à margem. E, no contexto da educação, Domingos e Gonçalves nos deslocam a perceber a importância de potencializar nesses corpos uma educação performativa, ativa, de ação! Compreende esses sujeitos como políticos, agentes de mudança e

de transformação nos contextos em que estão inseridos. Aprendo com as autoras que o corpo negro atuante-emancipado é um corpo que age na busca por sua emancipação, que performa de forma crítica a luta por uma demanda urgente de seu/nosso tempo: o direito a uma vida digna, sem que esta seja marcada por um rótulo que condena um corpo à morte!

O corpo discutido por Fransuê Ribeiro e Carla Carvalho no capítulo *Alteridade/estética na fotografia expandida: corpos exotizados e novas narrativas* remonta a disputas contemporâneas de poder e de domínio sobre o território. Ao falar dos povos indígenas, com recorte do povo Laklãnõ/Xokleng, originário do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, as autoras destacam o lugar do exótico, da visão exotizada com a qual ainda estes sujeitos são vistos e tratados no nosso tempo. Ao buscar compreender a relação alteridade/estética na perspectiva de Bakhtin e o Círculo articulada com a fotografia expandida, Ribeiro e Carvalho (2023) aproximam conceitos e objetos muito singulares a partir da teoria dialógica da linguagem. A fotografia expandida analisada se apropria de objetos do passado para pensar as disputas discursivas deste tempo e, ao fazer este exercício, as autoras escrevem/subvertem o modo como a história hegemônica é contada. O corpo exotizado do indígena é território do confronto entre sua própria história e o registro do colonizador, história essa que a todo tempo sofre tentativas de apagamento, de modo violento, pelo estado de Santa Catarina e por aqueles que não reconhecem a ancestralidade que habita o chão no qual pisamos diariamente. Ribeiro e Carvalho (2023) nos convidam a educar o olhar para, no presente, não perpetuarmos as violências do passado.

“Que pode um bebê? Como a professora de bebês pode possibilitar a expressão do corpo potente?” (Rosa e Rodrigues, 2023, p. 76). Estas são perguntas que Luciane Oliveira da Rosa e Eloisa Muriely de Sousa Rodrigues buscam responder em seu capítulo intitulado *O Corpo Potente do Bebê*. As autoras fazem uma defesa radical das potencialidades que o corpo do bebê pode realizar no espaço escolar. Destaco de sua escrita dois pontos que me chamam a atenção. O primeiro diz respeito à compreensão do bebê como um corpo ativo, mesmo que em condição de dependência de um adulto. No texto são demarcados aspectos sociais e culturais dos direitos dos bebês, direitos esses que demarcam a importância do respeito à vida na infância, principalmente no ambiente escolar. E é a partir deste ponto que destaco o segundo ponto que me desloca na escrita de Rosa e Rodrigues (2023): a relação intrínseca entre a formação do bebê e a professora na educação infantil que acompanha este percurso inicial da educação básica. Considerando os valores capitalistas que regem um sistema que produz corpos dóceis e úteis, as autoras defendem que as profissionais (majoritariamente mulheres, por isso a demarcação

política do uso da flexão do gênero feminino) compreendam a importância de olhar com sensibilidade para o processo de formação dos bebês, afinal, estas desejam “bebês potentes, que sejam crianças sensíveis, capazes de viver experiências estéticas e estésicas, para imaginar e criar, e assim, desenvolver o pensamento” (Rosa e Rodrigues, 2023, p. 90). Este desejo marca a responsabilidade das autoras não apenas com o corpo dos bebês, mas com a luta por uma infância plena de direitos e de possibilidades para um futuro que não seja apenas útil, mas potente de vida!

As discussões de gênero e sexualidade talvez sejam =das mais latentes na contemporaneidade. Seja pela força do movimento LGBTI+, seja pelo avanço conservador que vê nessa pauta possibilidades de causar enormes pânico morais com objetivos políticos/eleitorais. Thais Adriane Vieira de Matos em seu capítulo: *Dos corpos em in/exclusão: escola, gênero e sexualidade* nos apresenta um recorte de falas de profissionais da educação que participaram do curso de Aperfeiçoamento GDE – Gênero e Diversidade na Escola, política pública aplicada no Paraná por meio do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná – UFPR, com o intuito de construir a equidade de gênero e formar profissionais para combater a LGBTfobia. A autora, amparada pelos enunciados dos sujeitos da pesquisa, destaca a importância de políticas voltadas a esta perspectiva, mas ressalta que devemos manter “[...] uma atitude desconfiada evitando remontar operações de discriminação e exclusão, ainda que seja dentro dos processos inclusivos” (Vieira, 2023, p. 108). Nesse sentido, Vieira nos provoca a pensar os processos de formação para a diversidade de gênero e sexualidade a partir da defesa de que as políticas públicas criadas para este fim sejam pensadas com responsabilidade e com o real objetivo de contribuir com o combate às opressões e não reforçar debates superficiais que não enfrentam os problemas com a devida responsabilidade e comprometimento na construção de uma sociedade mais inclusiva para todas as pessoas.

Em *Entre riscos e rabiscos: diálogos entre a experiência estética e as práticas corporais* Jamile Dal-Cin se propõe a aproximar por meio de “riscos e rabiscos” bibliográficos o conceito de experiência estética e práticas corporais. Com autores que partem da hermenêutica filosófica, a autora discute os elementos que constituem a experiência estética, um estado de abertura a vivenciar o estranhamento diante da arte, da vida, do mundo que nos cerca. Num segundo momento, entra em cena o corpo como possibilidade de experimentar e receber as possibilidades da experiência. Num ensaio teórico, Dal-Cin nos apresenta possibilidades, considerações (inconclusas) sobre as potências que as práticas corporais podem proporcionar,

na medida em que nos permitimos nos relacionar com o mundo de uma outra forma: por meio da estética!

Reinaldo Kovalski de Araújo em *Funk e escola: a carnavalização do corpo puto* (um recorte das discussões de sua tese de doutorado) traz à baila questões que dizem respeito às relações sociais entre as identidades que constituem o que o autor chama de “corpo puto” – aquele que é marcado pela cultura da periferia, da marginalização e que, nessa relação, constitui essa identidade própria, que demarca sua relação com o corpo e com o território dos bailes funk – e também ao modo como a sociedade, em especial no contexto da educação, da escola, vê e coloca à margem este corpo. Para o autor, os enunciados que compõem a musicalidade do funk, “[...] sexo, drogas, marcas famosas, libertinagem, bixas pretas, pretos, viados, sapatões, favelados, periféricos, vileiros [...]” (Araújo, 2023, p. 146), demarcam a construção deste que seria um personagem do corpo puto, nos enfoques da teoria bakhtiniana. Este corpo marginalizado pela sua origem se completa no ambiente em que pode exercer sua liberdade: o baile funk! E então o autor nos questiona: por que não um corpo puto na escola? E, demarcando aspectos políticos, sociais e estéticos que ajudam a responder (provisoriamente) a esta pergunta, destrincha marcas do sistema capitalista de opressão que impede que este corpo viva em sua plenitude na escola, ambiente este que não é apartado da vida e, justamente por isso, reproduz discursos e cerceia modos de ser que fogem à hegemonia colonial, patriarcal e heteronormativa do contexto brasileiro. Araújo (2023, p. 143) nos provoca a pensar outros espaços de construção de saber sobre o corpo e reafirma que sua defesa é a de que “[...] estes sujeitos [são] produtores de saberes sobre corpos”.

Em *O estudo da corporeidade a partir do making of universitário* Fernanda Caron Kogin nos apresenta um recorte de sua pesquisa de doutorado. A autora questiona, no processo de investigação com estudantes universitário de um grupo de teatro, “Como criar e desenvolver um olhar poético a partir da efemeridade do teatro? e do olhar técnico para os corpos, transformando-os em signos?” (Kogin, 2023. p. 161-162). A partir destes questionamentos, o *making of* como parte do estudo passa a ser o objeto de investigação da autora. Neste percurso, por meio de uma perspectiva transdisciplinar, os processos são colocados em cena na discussão sobre a formação dos estudantes por meio de novas práticas com o corpo e o audiovisual. O ensaio aborda questões contemporâneas sobre o fazer criativo com audiovisual e destaca a importâncias destes registros na formação dos estudantes universitários. Como prática dialógica, a autora defende o *making of* como formação do sujeito na universidade. O texto de

Kogin (2023) é um convite a olharmos para a educação como um processo sempre inacabado, assim como somos também nós, sujeitos em constante transformação.

Hoje, em Blumenau, está abafado, faz um dia lindo de sol. São os primeiros dias de maio e me deparo com a escrita de Adrienne Ogêda Guedes, Carolina Cony e Pedro José de Freitas Zirolto. *Cartas de fevereiro: por uma epistemologia do cotidiano* me provoca em tantas camadas. Em primeiro lugar, perguntei-me se uma troca de cartas poderia compor um capítulo de livro. Por que não? Relatos tão singulares, tão poéticos, constituem o que os autores ensaiam como uma epistemologia do cotidiano. Estas cartas, escritas em tempos e espaços tão distintos versam sobre a vida, sobre os modos de existir, trazem memórias e propõem encontros. Certamente eu não imaginaria um texto mais propício para encerrar este provocante volume sobre o corpo, sobre a estética, sobre discursos, sobre a cultura.

CORPO(S) 2: cultura, estética, discurso reúne uma série de textos que versam sobre corpos diversos, plurais. Uma obra singular para pensar o nosso tempo e as relações que temos com os outros e com a sociedade de modo geral. O recorte temporal desta obra se faz necessário, pois há algum tempo não leríamos nestas páginas pesquisas sobre os corpos indígenas, os corpos LGBTI+, os corpos pretos, os corpos de crianças e jovens, os corpos de gente que insiste em “sair da curva”, daqueles que partem de um movimento dissidente, ou melhor, que são colocados dessa forma pelo outro. Esse(s) outro(s) hegemônico(s) que tentam apagar da linguagem o existir deferente, que tentam apagar a alteridade dos corpos.

Esta obra e seus autores nos convidam a pensar o corpo a partir de epistemologias e objetos diversos, de formas diversas e com perspectivas diversas. Em cada texto são marcadas as dimensões da estética, do discurso e da cultura que contribuem para refletirmos também sobre os nossos corpos, afinal, como seres de linguagem, marcados pelo outro, vemo-nos nestes horizontes diversos da vida que são apresentados nesses capítulos.

Ao final desta resenha, percebo que meu corpo já não é o mesmo depois de estar em contato, mesmo que por meio da escrita, com tantas outras vivências, com tantos outros corpos. Falar de corpo é falar da vida, e talvez por isso, esses ensaios nos convidem a pensar tanto sobre nós mesmos e sobre os tantos outros corpos com os quais nos relacionamos todos os dias. Que assim como eu, você também se sinta provocado/a a sentir... o corpo!

*Recebido em 29 de maio de 2024
Aceito em 11 de setembro de 2024*